



novos
modernistas
ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

IVES, VARÈSE E VILLA-LOBOS

Em parceria com a
**PINACOTECA
DE SÃO PAULO,**
no início dos concertos serão
exibidos vídeos que integram
a exposição *A máquina
do mundo: Arte e indústria
no Brasil 1901 – 2021.*

NOV 2021
26 sexta 19H
27 sábado 17H

PROGRAMA

As estacas de aço rompiam o chão e ressoavam o pulso frenético no “coração” da metrópole ocidental. Os arranha-céus da pujante Nova York, o som dos estampidos dos motores a combustão em downtown Manhattan. Lá eram impulsionados os limites do homem entre o céu e a terra. O som dos motores dos aviões, que agora cruzavam o céu transportando pessoas, de um lado ao outro. Um novo tempo se revelava, imanado de novidades e incertezas. No início do século XX, que tipo de impressões sonoras os modernistas Charles Ives (1874-1954), Edgar Varèse (1883-1965) e Villa-Lobos (1887-1959) nos trouxeram? Que lembranças invocaram? Que cenas da memória poderiam ser representadas por esses compositores? Escreviam da ponta de suas canetas, dos movimentos plásticos da batuta do maestro à execução dos músicos instrumentistas que projetavam novo imaginário sonoro, legado imaterial feito de reminiscências e experimentos livres, sem apego, pois reverberavam novas massas sonoras nas salas de concerto. O som de um tempo passado, que ressoa e pulsa no coração, em forma de luz partia da essência até a alma dos norte-americanos.

CHARLES IVES (1874-1954)

THE UNANSWERED QUESTION

O legado da música de Charles Ives é entendido como “um verdadeiro tesouro americano”. Seu livro de 114 canções captou o espírito da cultura norte-americana. Sua aptidão interdisciplinar deu asas à experimentação, deixando a forma e a moldura em segundo plano, privilegiando a emoção e o material temático originário. Talvez, para entendermos melhor Ives, seja importante perguntar de que forma os norte-americanos escutavam música? Como a música fazia parte de suas vidas? Em suas lembranças invocadas existe sempre, de maneira inadvertida, uma pequena e singela janela aberta para que possamos adentrá-la.

Ives nasceu em Danbury, Connecticut, e faleceu aos 79 anos em Nova York. Filho de Mary Parmelle (Molly) e George Edward Ives, um mestre de banda marcial e ensaísta musical. Foi uma grande influência para o jovem músico. Ives desenvolveu suas habilidades técnicas, rapidamente, tocando piano em serviços da igreja presbiteriana, a partir dos 12 anos de idade. Em 1894, foi aceito na Universidade de Yale para estudar música, quando seu pai sofreu um ataque cardíaco fulminante. Faleceu, prematuramente, aos 40 anos de idade. Charles recebeu orientação do professor Horatio T. Parker, que parecia não estar lá muito interessado em dar vazão ao estilo experimental do jovem compositor. De qualquer maneira, Ives seguiu a tradição clássica para compor sua *Sinfonia nº 1*, sendo esta sua peça de graduação, no ano de 1898.

A partir das ponderações do jovem compositor canadense Samuel Andreyev (1981) podemos compreender a estrutura e a inovação criativa desenvolvida por Charles Ives nesta obra-prima, *The Unanswered Question* (1908/revisada 1930-35), em que ele mistura materiais característicos da identidade norte-americana com elementos experimentais transcendentais, propondo uma nova concepção estética, uma espécie de amálgama sonoro e moderno. A mescla entre banda marcial e a música das ruas com pessoas caminhando: esses eventos sonoros nos dão uma ideia de colagem de paisagens sonoras, formando uma textura complexa. Em alguns

momentos, parece que Ives traz os ruídos característicos das ruas para formar uma impressão autêntica dos sons que estavam à sua volta ou em suas memórias da infância.

É importante salientar que Ives não estava mergulhado em uma carreira como músico profissional. Por outro lado, ele teve a possibilidade de experimentar no campo da composição, sabendo que sua música estava fora dos padrões estéticos de sua época. Talvez essa liberdade de criar, sem estar diretamente integrado ao mercado musical, tenha lhe possibilitado um voo inventivo desprendido. Ives levava uma vida pragmática, sendo pioneiro ao implementar, com seu sócio, a primeira empresa de seguro de vida em Manhattan. Durante longas noites, ele se concentrava em compor sua música. Nessa peça, identificamos três grupos sonoros ou de camadas sobrepostas. A primeira camada está representada pelo naipe das cordas. A segunda seria a melodia solo do trompete com uma questão sem resposta. A terceira estaria representada pelo naipe dos instrumentos de sopro. Dessa maneira, cada camada se encontra sobreposta a uma escrita em estilo característico, não havendo o desenvolvimento de um discurso musical tradicional nos moldes de uma estrutura formal convencional. Contudo, o trompete solo indaga a questão do eterno mistério da existência. Os sopros tentam, em vão, responder a essa incessante pergunta. Já o naipe das cordas apresenta uma espécie de coral de caráter contemplativo, realizando encadeamentos harmônicos sem tensão, criando, assim, um panorama estático.

O trompete com surdina tem sua melodia formada por cinco notas de duas maneiras ambas apresentam movimento melódico fora do sistema tonal. Ives faz uso de dois andamentos nessa obra: Adagio e Andante. Notamos aceleração do tempo com adensamento rítmico e movimentos cromáticos, que se distanciam do uso de acordes baseados em um discurso harmônico tonal.

The Unanswered Question é entendida como uma obra que inaugura um novo marco no cenário da música de concerto mundial, revelando que Charles Ives inovava sua proposta estética em uma nova concepção de entendimento sobre colagem e superposição de camadas sonoras.

EDGAR VARÈSE (1883-1965)

INTÉGRALES

Nasceu em Paris e foi criado por seu tio-avô materno. Nesse período, estabeleceu forte vínculo com seu avô Claude Cortot (também avô do renomado pianista Alfred Cortot, seu primo). Em 1893, Varèse foi morar com seus pais, passando a residir em Turim, Itália. Ali, recebe seus primeiros ensinamentos musicais com o renomado diretor do Conservatório Musical de Turim, Giovanni Bolzoni. Na adolescência, foi influenciado pelo ofício de seu pai, engenheiro, matriculado no curso politécnico de Turim. Este desaprovava seus estudos musicais e achava que Varèse deveria dedicar-se, exclusivamente, à engenharia. Esse conflito, principalmente após a morte de sua mãe, em 1900, perdura até 1903, quando Varèse se muda para Paris. Em 1904, iniciou seus estudos musicais na Schola Cantorum de Paris (fundada por César Franck), reduto de grandes professores, como Albert Roussel. Posteriormente, estudou composição no Conservatório de Paris na classe de composição do professor Charles-Marie Widor. Em 1907, Varèse se muda para Berlim e, no mesmo ano, se casa com a atriz Suzanne Bing, com quem teve uma filha. Eles se divorciaram em 1913. Durante esses anos, Varèse esteve familiarizado com Erik Satie e Richard Strauss, assim como com Claude Debussy e Ferruccio Busoni. Em 5 de janeiro de 1911, realizou a primeira performance do poema sinfônico *Bougogne*, em Berlim. Depois de ser dispensado como combatente do Exército Francês na Primeira Guerra Mundial, Varèse se muda para os Estados Unidos em 1915. Em 1918, realizou sua estreia nos Estados Unidos, regendo *A Grande Missa dos Mortos*, de Hector Berlioz. Estabeleceu residência em Greenwich Village em West Side of Lower Manhattan, em Nova York. Sua música trouxe inovações sonoras e estéticas relacionadas ao timbre e ao ritmo. Varèse, de maneira ativa, promoveu diversas performances de estreias de peças de compositores do século XX e fundou The International Composers' Guild, em 1921, e a Pan-American Association of Composers, em 1926. Em 1927, tornou-se cidadão estadunidense. Em 1928, Varèse retornou a Paris e, em 1933, por meio

da Guggenheim Foundation e do Bell Laboratories, recebeu a concessão de recursos para pesquisa sobre música eletrônica. Em 1936, vai residir na Califórnia, nos Estados Unidos, passando a frequentar as localidades de Santa Fe, Los Angeles e San Francisco. Nesse período compõe para flauta solo a renomada peça *Density 21.5*. Em 1938, volta a morar em Nova York. Varèse, ao longo de sua vida, fomentou e promoveu a música de seu tempo, apoiando até mesmo o reconhecimento da música de Charles Ives e de Villa-Lobos, cada um à sua maneira. Por meio das cartas encontradas no Museu Villa-Lobos, percebemos que havia uma troca profícua entre os maestros desde a década de 1920. Os dois amigos compartilharam um concerto extraordinário, com a participação da pianista Magda Tagliaferro, no mês de junho de 1929, realizando as estreias de *Amazonas* e *Amériques* na Sala Gaveau, em Paris.

Intégrales, de Edgar Varèse, foi composta durante uma fase profícua do maestro em que foram concebidas mais duas peças representativas no seu catálogo de obras, *Hyperprism* e *Octandre*. *Intégrales* apresenta uma proposição estética de massas sonoras, em que se busca a exploração da fusão dos timbres dos instrumentos. *Intégrales* foi estreada em 1925, sob a regência de Leopold Stokowski, no Aeolian Hall, em Nova York. Nessa obra notamos arquétipos do estilo de Varèse, a partir de uma instrumentação para uma orquestra reduzida, concebida para 2 flautins, oboé, 2 clarinetas, corne inglês, 2 trompetes, 3 trombones e 17 instrumentos de percussão, formados a partir de quatro grupos: I. Pratos suspensos, caixa clara, tambor tenor, tambor de fricção; II. Castanholas, prato a 2, bloco chinês; III. Guizos, corrente, pandeiro, gongo, tam-tam; IV. Triângulo, prato a 2, chicote, bombo. Varèse explora a diversidade de instrumentos percussivos e suas fusões a partir de blocos verticais com os instrumentos de sopro, abarcando uma variedade de timbres e registros agudos, que remetem a sonoridades similares à música eletroacústica que seria difundida, posteriormente, nos estúdios de música.

Carta de 16 de outubro de 1943. Acervo do Museu Villa-Lobos (MVL).

Meu querido companheiro Villa,

Faço questão de dedicar a você uma conferência inteira e de mostrar minha admiração e carinho por você. Envie-me assim que possível, por favor, toda a documentação sobre você: biografia, estudos e ensaios, e também, se é que existem, escritos seus.

Diga-me claramente o que você quer que eu mencione, ou enfatize – seja a seu respeito ou a respeito de sua obra. Louise e eu falamos muito de você e dos bons tempos em Paris dos quais guardamos lembranças felizes, lamentando a distância e os numerosos quilômetros que separam Nova York do Rio de Janeiro... Nós te deixamos um abraço mais forte ainda.

Seu Varèse.

Um dia o coro cantará alguma coisa tua. Você teria algo popular – típico de Villa-Lobos?

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

SINFONIETTA Nº 2

Heitor Villa-Lobos nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de março de 1887. Seu pai, Raul Villa-Lobos, foi o responsável pela iniciação musical do compositor, apresentando-lhe o violoncelo e o violão. Estudou no curso noturno do Instituto Nacional de Música, onde se aperfeiçoou em violoncelo, na classe do professor Max Breno Niederberger, e recebeu orientação de estudo em harmonia na classe do professor Frederico Nascimento. Nesse período, Villa-Lobos trabalhava como violoncelista tocando em orquestras, cinemas e cafés da cena carioca. Da mesma forma, frequentou o ambiente da música popular urbana do Rio de Janeiro, tendo a possibilidade de conhecer excepcionais lendas da música como os “chorões” Zé do Cavaquinho, Anacleto de Medeiros, Pixinguinha, Catulo da Paixão Cearense, João Pernambuco, Ernesto Nazareth e Donga.

De acordo com as referências da Academia Brasileira de Música, da qual foi o fundador em 1945, Villa-Lobos absorveu as influências da música urbana carioca, do folclore musical brasileiro, bem como do movimento impressionista francês. Foi fortemente inspirado pela música de Johann Sebastian Bach. Nessa fase, Villa-Lobos compõe peças para música de câmara e obras sinfônicas como os bailados brasileiros *Uirapuru* e *Amazonas*, que apresentam a temática original do mito da natureza e do indianismo brasileiro, demonstrando a força, o dinamismo de transformação e de identidade por meio dessas temáticas musicais.

Um segundo momento característico, na biografia do compositor, se inicia a partir da década de 1920. Nesse período verificamos certa assimilação da cena parisiense, quando escreve *Nonetto* e a série dos *Choros*. Viajou a Paris para apresentar sua música ao mundo.

A terceira fase de sua carreira tem início na década de 1930, quando verificamos sua atuação determinante na construção e implementação de uma educação musical para a sociedade civil brasileira. O projeto Canto Orfeônico contou com o apoio de Getúlio Vargas. Nesse período, começa a escrever a série das nove *Bachianas Brasileiras* levado pela música de J. S. Bach e com associações à tradição do folclore brasileiro.

A última fase do compositor é observada a partir de 1945, quando adota uma estética mais neoclássica, caracterizada a partir da adoção das formas musicais mais tradicionais para a criação dos seus quartetos de cordas, concertos e sinfonias.

Constam em seu catálogo de obras peças para instrumentos solo, com destaque para o violão e o piano, música de câmara, canções, música coral (sacra e profana), concertos, obras sinfônicas e balés.

Formada para pequena orquestra, a sua *Sinfonietta n° 2* foi composta em 1947, com a seguinte instrumentação: flauta, oboé, clarineta, saxofone alto, fagote, 3 trompas, 2 trompetes, 2 trombones, tuba, tímpanos; percussão: xilofone, tam-tam, pratos, bombo, celesta, harpa; cordas: violinos I, violinos II, violas, violoncelos e contrabaixos. Nessa obra notamos uma escrita moderna e arrojada de Villa-Lobos, em

que ele se apropria de gestos e padrões estéticos da linguagem modernista de seu tempo. Nota-se o uso intenso de padrões intervalares dissonantes reiterados para continuamente transmitir a sensação de tensão e incompletude dos temas apresentados. Também se nota o uso de escalas exóticas com a superposição de blocos harmônicos, bem como dissonantes ou híbridos. Dessa maneira, verifica-se que o maestro buscava apresentar aos seus ouvintes um vocabulário moderno com a experiência dos anos de trabalho sobre esse ofício tão caro à sua existência. Em se tratando de gestos modernos, podemos elencar algumas características dessa linguagem, tais como um discurso melódico formado por uma estrutura intervalar dissonante em progressão contínua sem resolução. O emprego sucessivo de quiálteras, cromatismos e glissandos, além da ênfase na proposta de adensamento rítmico, revela uma estrutura rítmica, melódica e harmônica associada ao modelo estético modernista. Contudo, notamos também seções em fugato com o diálogo de excepcional domínio técnico e beleza entre as madeiras, metais e percussão. Breves são os momentos em que o compositor faz uso de escalas consonantais como a escala pentatônica, pois sempre existe a busca por exprimir padrões dissonantes ou híbridos ou, ainda, etéreos.

No Terceiro Movimento (*Scherzando e Allegro final*) notamos um elemento rítmico característico da música brasileira, fortemente associada ao gênero do choro. No entanto, se verifica de maneira reiterada a escolha pelo uso da dissonância e de cromatismo com saltos, sem resolução melódica nem harmônica, não havendo apego às regras do sistema tonal. O ostinado rítmico proposto com a figura da síncopa do choro passa a ser a figura empregada no texto musical desse Movimento, no entanto, com um código intervalar sem resolução e dissonante. A beleza estética desse Movimento parece estar na criação de linhas melódicas independentes e na fusão dos timbres dos instrumentos com uma orquestração extraordinária que somente Villa-Lobos era capaz de conceber. Entre os seus pares, o maestro era reconhecido como um dos maiores orquestradores da música do século XX.

No ano de 1947, em Nova York, Villa-Lobos realizou sua segunda viagem aos Estados Unidos. Em 19 de fevereiro, conduziu a primeira audição de *Bachianas Brasileiras n° 3*, para piano e orquestra, com José Vieira Brandão ao piano e a Orquestra da Columbia Broadcasting System (CBS). Nesse ano, também desenvolveu trabalhos com os libretistas Forrest e Wright para a realização do musical *Madalena*, estreado em Los Angeles, em 26 de julho de 1948. No mesmo ano, em Roma, Villa-Lobos regeu a primeira audição da *Sinfonietta n° 2*, com a Orquestra da Academia Filarmônica Romana. Nesse momento maduro de sua carreira, o maestro expande sua atuação para o mercado internacional, ocasião em que passa a reger grandes orquestras norte-americanas.

A Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo, sob a batuta do maestro Roberto Minczuk, executa um concerto com obras que evidenciam um período relevante da história da música de concerto. Ives, Varèse e Villa-Lobos revelaram ao mundo uma linguagem pioneira, em termos da inovação sobre os parâmetros do timbre, do incremento complexo do ritmo, dos instrumentos de percussão e da nova concepção sobre o entendimento das massas sonoras e colagens musicais. Esses lendários expoentes da música de concerto do século XX manifestaram, por meio de sua escrita musical moderna, a inovação excepcional, no que concerne aos parâmetros estéticos de sua época.

Rodrigo Felicissimo

novos
modernistas

IVES, VARÈSE E VILLA-LOBOS

**ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL**

ROBERTO MINCZUK
REGÊNCIA

CHARLES IVES
THE UNANSWERED QUESTION (6')
(Edição Boosey & Hawkes)

EDGAR VARÈSE
INTÉGRALES (Rev. Chou Wen-chung, 1980) (14')
(Editora: Casa Ricordi srl, Milano. Representada
por Melos Ediciones Musicales S.A., Buenos Aires
www.melos.com.ar)

HEITOR VILLA-LOBOS
SINFONIETTA N° 2 EM DÓ MAIOR (20')
I. ANIMATO
II. MODERATO ASSAI
III. SCHERZANDO E ALLEGRO

DURAÇÃO
APROXIMADA
40 MINUTOS

FILMES

Os filmes que compõem este programa integram a exposição *A Máquina do Mundo: Arte e Indústria no Brasil 1901-2021*, em cartaz na Pinacoteca de São Paulo, até 21 fevereiro de 2022. A mostra reúne mais de 250 obras, produzidas por cerca de 100 artistas, a fim de pensar como a indústria marca a produção artística no Brasil a partir do século XX. O resultado é um amplo e variado panorama da arte moderna e contemporânea no país, formado por pinturas, desenhos, esculturas, gravuras, instalações, filmes e poemas, que constituem representações de operários, da arquitetura e do ambiente das fábricas, realizados com materiais, máquinas e processos industriais, e que propõem perspectivas críticas sobre consequências socioambientais da atividade industrial. A exposição empresta seu título de um motivo literário que aparece em obras de Dante Alighieri, Luís de Camões, Carlos Drummond de Andrade e Haroldo de Campos, segundo o qual o mundo seria uma máquina, um engenho mecânico a reger o cosmos, os corpos celestes e os elementos da natureza.

O filme *Copérnico I: Paisagem com Figura*, de Daniel Augusto e Eduardo Climachauska, é, em si mesmo, um maquinário que revolve a paisagem. O trabalho apresenta uma garota pedalando continuamente uma bicicleta estática, em um parque, conectada a uma estrutura de metal, de que saem um gerador de energia e uma grande

roda de metal, em que, por sua vez, estão presas duas câmeras de filmagem. Garota e mecanismos enfeixam, assim, um sistema: ao passo que ela pedala, o gerador coloca em movimento o aro de metal e, por consequência, as filmadoras acopladas ali. Na primeira metade do filme, as cenas são plácidas, tomadas fixas, à distância e por diferentes ângulos da garota e de toda a estrutura montada no parque. Em seguida, assiste-se ao que foi captado pelas câmeras presas à roda, e tais imagens são vertiginosas, produzidas aos giros, a mostrar chão, árvores, céu, chão, os objetos de cena, e céu de novo, chão, bicicleta, ciclista, árvores e céu. Essa sequência se desenvolve ao som das *Cartas Celestiais*, de Almeida Prado, que explora no piano expressões sinestésicas associadas a constelações, planetas, meteoros e galáxias.

Também o filme de Eduardo Kac, *Telescópio Interior*, segue para essa direção cósmica. O trabalho é uma colaboração do artista com o astronauta francês Thomas Pesquet e a Agência Espacial Europeia. O filme se passa no interior de uma espaçonave, em que, sob a orientação prévia de Kac, Pesquet constrói um objeto simples, composto de uma folha de papel recortada na forma da letra M, com um círculo recortado no meio e atravessada aí por outra folha de papel, enrolada, em tubo. Se observado de determinados pontos de vista, tal objeto dá a ler a palavra “moi”, ou “meu” em português. Solta pelo astronauta no interior da espaçonave, essa espécie de escultura-poema sem gravidade flutua e se coloca em relação ao corpo do astronauta, às centenas de elementos do painel de comando da estação espacial e, pelas janelas do veículo, em relação à Via láctea, ao planeta Terra, ao universo, enfim. Nessa escala de abrangência, entre o eu e o mundo, entre a simplicidade da escultura-poema e a dimensão intergaláctica de seu lançamento e circulação, o trabalho de Eduardo Kac se realiza por completo: ao acionar uma máquina ininterrupta de significações possíveis, interiores e coletivas, terrenas e interestelares, comuns e extraordinárias.

José Augusto Ribeiro

Curador Sênior da Pinacoteca de São Paulo

ROBERTO MINCZUK

REGÊNCIA

Natural de São Paulo, Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista.

Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal. Depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

**PRÓXIMO
CONCERTO
COM A **OSM****

DEZ 2021

17 SEXTA 19H

18/19 SÁBADO/DOMINGO 17H

**ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL**

CORO LÍRICO MUNICIPAL

MÁRIO ZACCARO
REGÊNCIA

GIAN CARLO MENOTTI
AM AHL E OS VISITANTES DA NOITE

MARIVONE CAETANO
AM AHL

JULIANA STARLING
MÃE

PAULO QUEIROZ
GASPAR

MÁRCIO MARANGON
MELCHIOR

DAVID MARCONDES
BALTAZAR

DIÓGENES GOMES
PAJEM

**ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL**

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro

Segundos Violinos Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama

Violas Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Tiago Vieira **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raiff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza e Teresa Catto

Contrabaixos Brian Fountain*, Taís Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Paranhos e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros

Oboés Alexandre Ficarelli*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama

Clarinetes Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Renato Perez **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric

Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira e Thiago Araújo **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Luiz Cruz e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro*

Harpas Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Tímpanos** Danilo Valle* e Márcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes

Analista Administrativa Laysa Padilha de Souza Oliveira **Auxiliar de Escritório** Priscila Campos *Chefe de naipe **Músico convidado

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes

Secretária Municipal de Cultura Aline Torres

Secretária Adjunta Antonia Soares André de Souza

Chefe de Gabinete Danillo Nunes

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretor Geral Interino Danillo Nunes

Direção Artística Bruno Imparato

Direção de Formação Ruby Vásquez Núñez

Produção Executiva Gisa Gabriel

Conselho Administrativo Sustenidos

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

Conselho Consultivo Sustenidos

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

Conselho Fiscal Sustenidos

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

Equipe Sustenidos (Theatro Municipal)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa

Diretor Administrativo Financeiro Renato Musa dos Santos

Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas

Gerente de Desenvolvimento de Pessoas Camila Rodrigues Harada

Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing Heloisa Garcia da Mota

Controller Leandro Mariano Barreto

Contador Luis Carlos Trento

Comprador Paulo Henrique Rissieri

Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira

Gerente de Administração de Pessoal Valter Miranda dos Santos

COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valeria Kurji

Gerente Geral de Operações e Finanças Eduardo Augusto Sena

Coordenadora de Programação Elisa Maria Americano Saintive **Equipe de Programação** Camila Honorato Moreira de Almeida, Eduardo Dias Santana e Guilherme Galdino Borges

Gerente da Musicoteca Maria Elisa Pasqualini (Milly) **Equipe da Musicoteca** Cassio Mendes Antas, Jonatas Ribeiro, Karen Feldman, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira e Thiago Ribeiro Francisco **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Produção Regiane Miciano

Equipe de Produção Felipe Costa, Jonathan Boettcher de Paula, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Marina da Costa Jurado, Nathália Costa, Rosa Casalli, Rosana Taketomi, Rosangela Reis Longhi, Suzana dos Santos Barbosa e Yara Cristina Ferrauto

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Equipe de Educação** Dayana Correa da Cunha, Igor Antunes Silva, Leandro Mendes da Silva, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi, Nina Gagliardi Kaufmann e Renata Raíssa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe Acervo e Pesquisa** Anita de Souza Lazarim, Alexandre Ferreira Xavier, Guilherme Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira

Diretor Técnico de Palco Sérgio Ferreira

Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Bruno Lopes Siqueira dos Santos, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla Lopes, Jonas Pereira Soares, Jose Hilton de Oliveira Junior, Luiz Carlos Lemes e Sônia Ruberti **Gestor de Cenotécnica** Aníbal Marques (Pelé) **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Bruno Vieira Dias, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Jaqueline Alves Santana, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Henrique São Bento, Paulo Mafrense de Sousa, Peter Silva Mendes de Oliveira e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto, Sérgio Augusto de Souza, Thauana Garcia Renardi e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto, Rafael de Sá de Nardi Veloso e Renato de Freitas Pereira **Sonorização** André Moro Silva, André Vitor de Andrade, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Robson de Moura Barros **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Stella Politti, Sueli Matsuzaki, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Wellington Cardoso Silva

Coordenadora de Figurino Eunice Baía **Equipe de Figurino** Maria de Fátima, Suely Guimarães e Walamis Santos **Camareiras** Antônia Cardoso Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Aparecida de Mello, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

Coordenador de Comunicação Alexandre Roxo Félix **Equipe de Comunicação** Anna Vitoria Oliveira Fernandes, Beatriz de Castro Ramos, Estevan Pelli, Isabela Fantini Guasco, Larissa Lima da Paz, Luis Henrique Santos de Souza, Rafael Souza Gomes Bernardo e Stig de Lavor

Gerente de Planejamento e Monitoramento Ana Paula Godoy **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Debora da Silva Monteiro, Douglas Herval Ponso e Milena Lorana da Cruz Santos **Coordenadora de Captação de Recursos** Carolina Wakiyama Bittar **Captação de Recursos** Esdras dos Santos Silva

Gerente de Infraestrutura e Patrimônio Eduardo Spinazzola **Equipe de Infraestrutura e Patrimônio** Bárbara Morais Affonso, Carolina Ricardo, Fernanda do Val Amorim, João Pedro de Goes Moura, Jonathas Rodrigues de Oliveira, Letícia de Moura, Monica Aparecida da Silva, Pamela Marques dos Santos Silva e Rosimeire Ribeiro Gomes **Coordenador de Operações** Mauricio Souza da Silva **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gome **Coordenador de TI** Thaynan Wesley Trindade Vasconcelos **Equipe de TI** Yudji Alessander Otta **Segurança do Trabalho** Mateus Costa do Nascimento

Coordenadora de Relações Institucionais Adriana Marto Braz **Equipe de Parcerias e Negócios** Giovanna Campelo, Suzana dos Santos Barbosa e Taís dos Santos Silva **Equipe de Atendimento ao Público** Claudiana de Melo Sousa, Erick de Souza Rodrigues, Jorge Rodrigo dos Santos, Kleber Roldan de Araujo, Maria do Socorro Lima da Silva, Monica de Souza, Rosimeire Pontes Carvalho, Vitoria Terlesqui de Paula e Walmir Silva do Nascimento

Coordenadora Financeira Maria Eugênia Melo de Carvalho **Equipe de Finanças e Controladoria** Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa, Jéssica Brito Oliveira, João Vithor Alves Feitosa Pianco, Kedma Encinas Almeida e Marcio Shoiti Ito **Coordenador de Compras e Suprimentos** Fernando Marques Arão **Equipe de Compras e Suprimentos** Leandro Ribeiro Cunha, Raimundo Nonato Bezerra, Raphael Teixeira Lemos, Roberto Takao Honda Stancati e Thauana Moura Santos **Coordenadora de Contratos** Carolina Chammas Narchi **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo e Daiana da Silva Basto **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Filipe Maluf de Carvalho, Marlene Bahia dos Santos, Monik Silva Negreiros, Priscilla Pereira Gonçalves e Vitoria Fernanda do Carmo Leite


Aprendizes Alice Barbosa de Assis, Beatriz Alves de Negreiros, Endely Giglio Totolo, Evellyn de Souza Candido, Igor Henrique Almeida da Silva, Matheus Bastian Moraes, Pablo Galdino Picoloto, Rhuan Lima de Souza Cavalcante, Romário de Oliveira Santos, Thamirys Guimarães da Silva, Wayne Lourayne Costa de Souza e Yara Maria da Silva

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE
INGRESSOS
R\$10 - 60

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR


ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp


 @theatromunicipal

 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

Praça das Artes

 @pracadasartes

 @pracadasartes

OUÇA O **PODCAST** DO THEATRO MUNICIPAL.
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS.

 deezer

 Spotify®

 Apple Podcasts

 Google Podcasts

 YouTube

Para um espetáculo seguro, confira o Manual do Espectador, disponível em:
theatromunicipal.org.br/pt-br/manualdoespectador

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:

escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA
CASA OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

REALIZAÇÃO

 **SUSTENIDOS**
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

 FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL

 **são paulo**
capital da
cultura

 **CIDADE DE**
SÃO PAULO
CULTURA

